

A construção [[supondo_que]_{CON}

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v48i1.2372>

Táisa Peres de Oliveira¹

Resumo

Este trabalho toma como objeto a oração condicional que se caracteriza pelo esquema [supondo_que [oração finita]] a fim de descrever os processos de mudança que levam à formação dessa construção em português. Especificamente, pretende-se identificar os micro-passos de mudança construcional e posterior construcionalização que possibilitam a emergência do significado condicional expresso nesse tipo de construção. Espera-se, assim, poder explicar a emergência dos sub-esquemas que dão origem a esse tipo de condicional no português, analisando particularmente as projeções metafóricas, essenciais para seu processo de formação e ainda avaliar as mudanças que ocorrem na configuração da rede a partir do surgimento dessa construção. Este trabalho se assenta especialmente na Teoria da Construcionalização e Mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Palavras-chave: construcionalização, mudança construcional, construção condicional.

¹ Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, Brasil; taisapoliveira@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0002-2439-5604>

The construction [[supondo_que]_{CON}

Abstract

This paper offers an analysis of the development of the scheme [supondo_que [oração finita]]. The main goal is to identify the micro-steps of construcional changes and posterior constructionalization that lead to the emergence of the conditional meaning. This paper describes the sub-schemas that give rise to this construction in Portuguese, with special attention to the metaphors that are essential to its formation, and explains the network reconfiguration due to the accommodation of this new type of construction. This paper follows after the Theory of Constructionalization and Construcional Changes (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

Keywords: constructionalization; construcional changes; conditional constructions.

Introdução

Este trabalho se insere num conjunto de estudos sobre o desenvolvimento e a expressão da condicionalidade em português, em especial, aqueles desenvolvidos por Oliveira (2005, 2008a, 2008b, 2008c, 2009a, 2009b, 2011a, 2011b, 2012, 2014), em Oliveira e Hirata-Vale (2011a, 2012b, 2014, 2017a, 2018), em Pinto e Oliveira (2016) e em Oliveira, Hirata-Vale e Souza (2017). Ponto comum nesses trabalhos, além da perspectiva funcionalista, é o fato de todos, de algum modo, discutirem a expressão da condicionalidade por meio de esquemas que vão além da condicional prototípica, introduzida pela conjunção *se*.

Nesse contexto, o objetivo principal deste trabalho é analisar a construção [supondo que]_{CON'}, que atua como conectivo condicional, tal como se vê nos exemplos:

1. as recompensas pecuniárias não deixam de ser uma instituição das mais felizes, *supondo que* sua distribuição seja feita com discernimento e justiça. (ateus.net)
2. *Supondo que* ocorra um aumento não antecipado da demanda do varejo, os estoques irão sofrer uma redução maior do que a esperada, mas os preços ao varejo e ao produtor permanecerão inalterados. (19Ac:Br:Lac:Thes)

Nos exemplos (1) e (2), as orações iniciadas por *supondo que* indicam a causa hipotética que serve como contingente para a validação da consequência enunciada pela oração núcleo. Em outras palavras, à semelhança do que ocorre em condicionais prototípicas, nessas construções, o conectivo *supondo que* constrói um espaço cognitivo a partir do qual projeta-se um espaço expansão. Assim, construções como essas qualificam, conforme aponta-se em Hirata-Vale (2012), Oliveira (2008, 2012, 2014) e Bueno (2016),

como orações condicionais, tais como as prototipicamente marcadas pelo conector *se*. Nesse contexto, este trabalho pretende descrever a formação desse tipo de conectivo e sua acomodação na rede construcional das orações condicionais. A partir dessa descrição, pretende-se explicar os padrões de transferência e as regularidades envolvidos na organização estrutural e conceitual da condicionalidade.

Para tanto, este trabalho está organizado da seguinte forma: primeiro, apresentam-se os fundamentos teóricos que sustentam esta análise e a metodologia que conduziu o tratamento de dados para esta pesquisa; em seguida, discutem-se os processos que evidenciam a emergência dessa construção e, por fim, sua acomodação na família construcional das condicionais, como expediente para expressão da condicionalidade em português.

1. Teoria e método

1.1. As bases teóricas: a abordagem construcional

Este trabalho tem suas bases teóricas assentadas na vinculação entre a Linguística Cognitiva e as Teorias de mudança linguística, em especial, considerada a partir da abordagem construcional. Parte-se do princípio geral de que a estrutura linguística e o significado não existem separadamente. Assim, como formulação teórica mais geral, “[...] evita-se qualquer ideia de uma gramática formal desprovida de significado e, ao contrário, foca-se no modo como construções gramaticais baseadas no significado emergem de usos individuais da língua” (TOMASELLO, 2009, p. 69, tradução nossa). Derivam desse outros dois postulados: (i) significado é uso; (ii) estrutura emerge do uso, entendendo que língua e gramática são concebidas como um sistema adaptativo complexo que apresenta, ao mesmo tempo, estrutura, variância e gradiência (BYBEE, 2010).

O tipo de análise que se propõe neste trabalho baseia-se na premissa de que a gramática deve ser considerada conforme determinações (i) cognitivo-perceptivas, (ii) pragmáticas e (iii) sintático-semânticas. Ficam implicados aí o reconhecimento da não compartimentalização da gramática, da dinamicidade da gramática e da instabilidade relativa do significado como características próprias do sistema linguístico. Especificamente, adota-se a perspectiva construcionista numa abordagem diacrônica, como elaborada em Traugott e Trousdale (2013). Como pressupostos mais gerais assume-se, seguindo os autores, que:

1. a *construção* é a unidade básica de análise, concebida como o pareamento convencional entre forma e significado;
2. a *gramática* é simbólica e está organizada em famílias de construções, a rede construcional, em diferentes níveis de descrição linguística;

3. a *rede construcional* está organizada em torno de diferentes subtipos de construções, com diferentes graus de esquematicidade, e que se ligam por ligações de herança e ligações relacionais;
4. as construções emergem a partir de dois processos fundamentais: *mudança construcional*, quando se notam mudanças numa forma já existente na rede construcional, ou *construcionalização*, quando uma nova forma e um novo significado emergem criando um novo nó na rede construcional;
5. nos processos de mudança construcional ou construcionalização são relevantes as noções de *esquematicidade*, que envolvem o grau de abstratização de uma categoria, *produtividade*, que está relacionado à extensão de um esquema, e sua capacidade de gerar esquemas menos abstratos e às suas restrições, e *composicionalidade*, que determina o grau de convencionalização do significado de uma construção. É com base nesses pressupostos que pretendo desenvolver esta análise.
6. na construcionalização e mudança construcional são relevantes dois processos: neoanálise, que dá conta das novas propriedades da forma emergente, e analogização, recrutamento de item para um esquema já existente na língua.

1.2. A oração condicional

As orações condicionais são usualmente definidas a partir do esquema *se p, q* (NEVES, 2000; MONOTOLÍO, 2000). Partindo da abordagem construcional, Dancygier (1998) e Dancygier e Sweetser (2005) propõem compreender a condicionalidade como um significado convencional, que somente pode ser compreendido se considerado o modo como as propriedades lexicais e estruturais das construções condicionais são mapeadas em aspectos de sua interpretação semântico-pragmática, tratada, portanto, como uma construção.

Dancygier (1998) afirma que é possível identificar uma função comum para a estrutura condicional, no geral representada pela expressão *se p, q*. A partir daí considera-se o modo como as interpretações do significado de condicionais reais são construídas em termos dessa função comum em combinação com os significados atribuídos pelos demais elementos formais presentes na estrutura condicional.

Chega-se, desse modo, à consideração dos parâmetros definidores do significado condicional. Por aí, fica implicada necessariamente a coexistência de estruturas mais prototípicas e outras mais periféricas. Neste direcionamento, as diferenças que se notam entre os tipos de condicional podem ser analisadas por meio de um conjunto de propriedades definidoras, identificando os pontos que as distanciam e os que as

aproximam. É possível, assim, dar conta das diferentes nuances que o significado condicional pode assumir e das diferentes formas a partir das quais esse significado se manifesta.

Essas propriedades são concebidas como parâmetros definidores da condicionalidade. São eles:

1. *Causalidade*: há uma base causal na relação entre os enunciados de uma construção condicional que emerge, principalmente, da sequencialidade que se nota entre os eventos descritos. A função principal de uma oração condicional é comunicar a relação de causalidade não preenchida que entrelaça dois enunciados e que, em última instância, pode ser interpretada em quatro domínios cognitivos: o de conteúdo, o epistêmico, o dos atos de fala e o metatextual. Os domínios são ligados via metáfora, possibilitando a extensão dos significados de domínios físicos para domínios mental e social. Os significados vão, assim, se distanciando da base causal à medida que se tornam mais (inter)subjetivos (TRAUGOTT, 1985, 1989, 1995; HOPPER; TRAUGOTT, 2003).
2. *Não assertividade da construção*: uma das características básicas da condicional é apresentar um evento em que as condições de felicidade não estão plenamente preenchidas. Destaque-se nesse contexto o próprio papel do conector condicional, cujo significado lexical também serve para marcar um evento como não realizado, uma proposição como não verdadeira ou um ato de fala como não assertivo. Ao construir seu enunciado pela estrutura condicional, “[...] o falante não tem embasamento suficiente para enunciar p como uma declaração factual e pode de fato não acreditar na verdade de p ” (DANCYGIER, 1998, p. 19, tradução nossa).
3. *Predição* (futuro potencial ou futuro passado): diz respeito à capacidade que a condicional tem de projetar uma hipótese, de se referir a uma situação futura, que ainda pode se realizar (caso das condicionais de futuro potencial) ou que poderia ter se realizado (caso das condicionais de futuro passado). A predição, assim como a postura epistêmica, é um traço do significado condicional especialmente marcado pelos tempos e modos verbais que figuram na construção condicional.
4. *Distância epistêmica*: diz respeito ao posicionamento que o falante assume com relação à realidade do evento descrito em seu enunciado. Ressalte-se que o objetivo do enunciado condicional é comunicar uma hipótese construída pelo falante, o que fortemente liga as significações aí invocadas ao conjunto de conhecimentos de que ele dispõe. Dois caminhos são possíveis: a indicação de uma situação assentada sobre a incerteza do falante, desvelando seu desconhecimento acerca da realidade da hipótese enunciada, o que se denomina postura epistêmica neutra; por outro lado, há também a indicação de uma situação concebida como contrária às expectativas,

o que se denomina postura epistêmica negativa. Fica muito claro que os tempos e modos verbais servem não apenas para construção de uma referência temporal absoluta, mas sobretudo para indicar como a não-assertividade da condicional deve ser interpretada.

5. *Espaços mentais*: num plano cognitivo, conectores condicionais são concebidos como construtores de espaços mentais. Esta função também se liga ao expoente lexical do próprio conectivo, que funciona como um construtor de espaços alternativos, criando um espaço fundação e, a partir dele, um segundo espaço, chamado espaço expansão. Isto equivale a dizer que o conector condicional atua como uma espécie de angulador do discurso, criando condições de validação para o discurso subsequente.

Como consequência dessa proposta, assume-se que as construções condicionais podem ter seu significado interpretado a partir do modo como os parâmetros de condicionalidade se manifestam: quanto mais convencional for o significado de uma construção, mais próximo da zona da condicionalidade ela estará. Por outro lado, quanto mais o significado depender de aspectos contextuais, mais periférica e distante do núcleo prototípico será a construção.

Fica assegurado o caminho para um tratamento funcionalmente e cognitivamente motivado de todo o variado e complexo significado condicional e as diferentes formas a partir das quais ele pode emergir. Essa proposição permite dar conta de construções com diferentes graus de determinação categorial, admitindo-se a coexistência de exemplares mais próximos ao núcleo, portanto, mais representativos, e outros mais distantes.

1.3. Material e método

Para a discussão realizada neste trabalho, considerou-se os dados da variedade brasileira do português, no período que compreende os séculos XIX a XX. Os dados são provenientes do *Corpus do Português* (FEREIRA; DAVIES, 2006): disponível em www.corpusdoportugues.org. Para a coleta, utilizou-se a modalidade *web* dialeto, ferramenta de busca que coleta dados a partir de textos disponíveis na internet. Para este trabalho, não se fez controle de frequência nem de tipo/gênero textual.

2. A construção condicional *supondo_que*

2.1. A emergência do padrão *[[supondo_que] oração finita]*

O objetivo desta seção é discutir as mudanças construcionais e posterior construcionalização que levam à emergência do conectivo condicional *supondo que* em português. Estudos recentes têm apontado o uso do esquema *[[supondo_que] oração*

finita] para expressão da condicionalidade (OLIVEIRA, 2012; HIRATA-VALE, 2012; BUENO, 2015). O ponto de partida para a formação do conectivo é o próprio significado lexical do verbo *supor*, um verbo de percepção mental que designa um estado cognitivo, cujo significado original indica “admitir hipoteticamente”. É o que se nota nos usos em (3) e (4):

3. para dar uma forma didática você está *supondo* quarenta cruzeiros por dia – realmente não é bem assim (orBr-LF-SP-1:338)
4. Mesmo *supondo* que a reforma da Previdência acabe com todas essas vantagens, ele vai levar, pelo menos, o mesmo reajuste que o ativo tem.

Em seu uso prototípico, *supor* pode ser classificado como um predicado de percepção e cognição nos termos de Gonçalves, Casseb-Galvão e Sousa (2016). Nesses casos, *supor* expressa o conhecimento ou percepção do referente do sujeito da oração principal e pode ser analisado como exemplar da rede construcional dos verbos cognitivos, que se realizam por meio do esquema bitransitivo:



A emergência de *supondo* que como conectivo condicional está atrelada aos contextos de uso da forma não-finita de *supor* em orações gerundivas circunstanciais, como nos exemplos (5) e (6) abaixo. Ainda ligado ao significado fonte do verbo, seu uso nesse tipo de construção é referencial e está esquematicamente associado à categoria verbal (V). No entanto, nota-se um primeiro micro-passo de mudança: uma neoanálise que leva a uma ligeira mudança semântica do significado de *supor* que, em (5) e (6), funciona como expressão de um valor mais modal, ligado a uma crença do referente do sujeito da oração:

5. O ponto é que Lélito se enganara, *supondo* nada estar acontecendo de inquietante na sua velha casa.
6. Carlos previa métodos mais simples e expeditos para executar certos lançamentos e operações e, vendo adotados os mais extensos e tortuosos, sentia-se embaraçado, *supondo* haver alguma razão para a preferência e não a podendo descobrir.

Nesses casos, *supondo* atua com um valor modal, com significado próximo a verbos como *achar* e *acreditar*. Diferentemente do uso original, ilustrados em (3) e (4), em que *supor* indica que o referente do sujeito assume uma proposição como verdadeira, ainda que hipoteticamente, em (5) e (6), o uso de *supor* indica que o referente do sujeito faz uma

avaliação subjetiva do conteúdo da oração encaixada, revelando sua crença em relação ao conteúdo. Esses usos podem ser classificados como o que Gonçalves, Casseb-Galvão e Sousa (2008) chamam de predicados de atitude, já que descrevem uma atitude do referente sujeito da oração núcleo. Nesses casos, também já se nota o significado relacional, já que a forma não-finita serve para construir uma relação de dependência em relação a um núcleo:

[[supondo [oração não-finita] ↔ [circunstância]]

O gatilho principal que leva à mudança de *supondo* como predicado encaixador de proposição para conectivo é a alteração na marcação do sujeito do verbo *supor*. Em casos como (7) e (8), abaixo, o falante, e não mais o sujeito gramatical, assume os conteúdos descritos como não reais. Nota-se que o significado de *supondo* se expande e passa a marcar a não-factualidade da oração encaixada:

7. *Supondo que* suas compras totalizam 500 dólares, você paga 100 dólares de taxa. (dondeandoporai.com.br)
8. *Supondo que* 50% das pessoas da fila desistam, teremos 75 potenciais compradores (portaldoinvestidor.gov.br)

Em (7) e (8) *supondo que* funciona como marca da atitude do falante, revelando sua intenção de marcar o enunciado introduzido por *supondo que* como não real. Além disso, *supondo que* ainda atua para construir a relação de modificação entre duas orações finitas. Nesse tipo de ocorrência, *supondo que* atribui o caráter não factual às duas orações envolvidas e sinaliza ao ouvinte a instrução para construção de um espaço mental alternativo dentro do qual a situação principal deve ser considerada. Esse ponto é central para a reanálise de *supondo que* como conectivo condicional. Em casos como (7) e (8), todo conteúdo da construção deve ser considerado não factual, já que a situação apresentada na oração nuclear está condicionada à situação descrita na oração circunstancial, também concebida como não real. Diferentemente do que se nota em (5)-(6), em que apenas a oração encaixada em *supondo* é concebida como não real.

Outro traço semântico que se nota em usos como ilustrados em (7) e (8) é a predição, propriedade que a condicional tem de projetar uma hipótese, de se referir a uma situação futura que é concluída a partir de determinada situação também não realizada e diferente do contexto de enunciação. Por exemplo, em (8) a oração principal 'teremos 75 potenciais compradores' é uma conclusão possível a partir da realização do evento descrito na condicional '*Supondo que* 50% das pessoas da fila desistam'. Tem-se, nela, a conceitualização de um cenário em que a realização ou não de uma dada situação leva a um conjunto de resultados possíveis. As orações introduzidas por *supondo que*

estabelecem uma correlação de parâmetros que estrutura espaços mentais alternativos. Esse significado não está presente nas orações em (5) e (6) que, ao contrário, assumem a verdade do conteúdo inserido por *supondo* e afirmam a verdade descrita na oração principal.

Além disso, em usos como em (7) e (8), *supondo que* atua para construir a relação de causalidade não preenchida que liga duas orações, que, em última instância, pode se realizar em qualquer um dos domínios cognitivos descritos em Dancygier (1998). Em outras palavras, por meio de *supondo que*, comunica-se uma relação de causalidade não preenchida que entrelaça dois enunciados. Observe-se os exemplos:

9. *Supondo que* a humanidade consiga esse feito, toda a sua História teria que ser revista (ahduvido.com.br)
10. *Supondo que* não ganhe, que papel teria na eleição? (napraticateoriaeoutra.org)
11. *Supondo que* você queira beijar o garoto, qual a sua abordagem mais comum? (omosou.com)

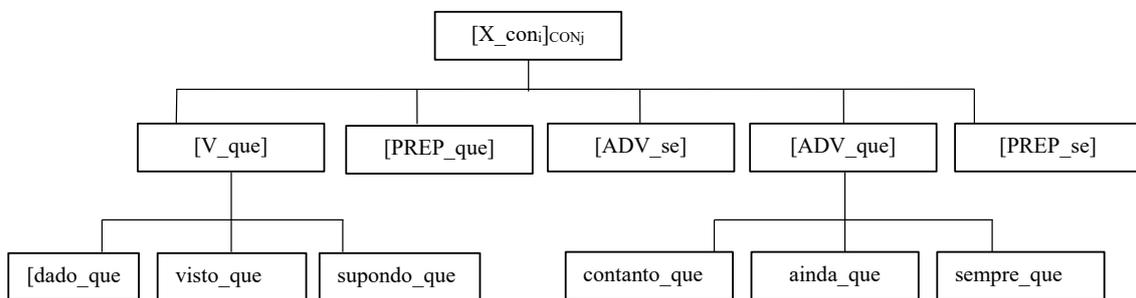
Veja-se que em (9)-(11), as orações inseridas por *supondo que* não são assumidas como verdadeiras, como em (3) e (4). Tampouco pode-se dizer que nesses casos *supondo que* atue como expressão das atitudes dos sujeitos das orações. O que está de fato em jogo é a relação de causa-consequência entre a oração introduzida por *supondo que* e a oração principal. Por exemplo, em (9) 'supondo que a humanidade consiga esse feito' é o quadro dentro do qual a oração 'toda a sua História teria que ser revista' se valida. O mesmo se nota em (10) e (11). Veja que '*Supondo que* você queira beijar o garoto' formula uma condição pragmática que dá relevância para o ato descrito na oração principal 'qual a sua abordagem mais comum?'. O que se nota, em casos como esses, é a construção de uma relação de causalidade entre os enunciados.

Mediante tais considerações, pode-se, dizer, portanto, que em (7)-(8) *supondo que* assume um significado procedural, mais abstrato, responsável por orientar o ouvinte sobre a natureza não-real das orações e sobre a relação de causalidade não-preenchida que se instaura entre elas. Em outras palavras, passa a atuar como conectivo adverbial, além de instaurar a não-assertividade das orações envolvidas.

Essas mudanças de significado são acompanhadas de mudanças na forma da construção: em seu funcionamento como conectivo, *supor* perde propriedades flexionais e argumentais do seu uso lexical e assume posição fixa no início da oração. Ainda, para formar a nova construção, *supondo* liga-se ao complementizador *que*. A partir daí tem-se, então, um pareamento forma_{nova} significado_{novo}, resultado da construcionalização gramatical. Seguindo Oliveira (2018), a nova construção pode ser assim representada:

[[supondo_que [oração finita]]

Esse conjunto de significações que se notam em (7)-(11) não resulta do mapeamento direto dos traços lexicais de *supor*. Ao contrário, são resultados de inferências pragmáticas que vão se convencionalizando e são, portanto, não composicionais. O desenvolvimento do conectivo condicional *supondo_que* envolve uma neoanálise, a partir do qual traços semântico-pragmáticos do significado de hipótese do verbo *supor* são reinterpretados como condição via extensão metafórica. Essa inferência se convencionaliza e o conectivo passa então a ser esquematicamente associado à meso-construção [V_que] na rede construcional dos conectivos condicionais:



Na família de conectivos condicionais, *supondo que* é analisado como um construto que se liga à meso-construção [V_que] por relações de herança, já que compartilham com ela propriedades estruturais, base lexical formada por um verbo na forma não finita ligada ao complementizador *que*; e de significado, instaurando a condição mais básica, sem restrições que se notam em outras condicionais:

[[V_que]_{CON} ORAÇÃO_i ORAÇÃO_j] → [X CONDICIONA Y]

Além disso, essa mudança revela a estreita relação entre os conectivos condicionais e os verbos modais e de percepção cognitiva (TRAUGOTT, 1985, 1989, 1995; VISCONTI, 2004; OLIVEIRA, 2014). Assim, esse conectivo também se liga à família dos verbos cognitivos por relações associativas, em específico as projeções metafóricas, já que são resultado da extensão pragmática do significado básico de um verbo cognitivo, evidenciando assim a natureza não-modular e dinâmica da língua, organizada em torno de redes conceituais que abrigam diferentes subtipos de construções, que se ligam por relações multidirecionais.

3. Considerações finais

Este trabalho parte de um conjunto de estudos que tratam do desenvolvimento da condicionalidade em português, em especial, num viés construcionalista, que é o que

se assumiu aqui. Especificamente, tratou-se da emergência do conectivo *supondo que*, a fim de explicar os processos que levam à sua formação como conectivo condicional. Discutiu-se como o significado condicional em *supondo que* é resultado de uma série de micro-mudanças de forma e significado que levam à abstratização do significado lexical do verbo base do conectivo.

Considerando a abordagem construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013), buscou-se mostrar que o conectivo *supondo que* é resultado de um processo de construcionalização gramatical, no qual se nota o desenvolvimento de um significado procedural a partir de inferências pragmáticas e implicaturas geradas a partir de traços do significado do verbo *supor*.

Acredita-se que esses resultados permitem compreender a expressão da condicionalidade e dos expedientes formais usados na construção dessa relação, demonstrando, ainda, os domínios conceituais a partir dos quais conectores condicionais do português podem emergir e os processos de codificação do significado condicional.

REFERÊNCIAS

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BUENO, A. *As orações condicionais introduzidas por supondo que em português*. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016.

DANCYGIER, B. *Conditionals and predication (Cambridge Studies in Linguistics)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. *Mental Spaces in Grammar: Conditional Constructions*. Cambridge Studies in Linguistics 108. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*, 2006. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>. Acesso em: 01 set. 2018.

GONÇALVES, S. C. L.; CASSEB-GALVÃO, V.; SOUSA, G. C. As construções subordinadas substantivas. In: NEVES, M. H. de M. (org.). *A construção das orações complexas*. v. V. São Paulo: Contexto, 2016. p. 69-121.

HIRATA-VALE, F. B. M. O conectivo complexo *supondo que*: história e uso. In: FIGUEIREDO, D. C. et al. (org.). *Sociedade, cognição e linguagem*. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 381-402.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

MONOTOLÍO, E. On affirmative and negative complex conditional connectives. *In*: COUPER-KUHLEN, E.; KORTMANN, B. (ed.). *Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse perspectives*. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2000.

NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, T. P. Condicionais, atenuação e polidez: um estudo das estratégias comunicativas das condicionais. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, v. 49, n. 1, p. 123-137, 2005.

OLIVEIRA, T. P. Se não me engano está se gramaticalizando? *Alfa* (ILCSE/UNESP), v. 52, p. 179-193, 2008a.

OLIVEIRA, T. P. *Conjunções e orações condicionais no português do Brasil*. 2008. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2008b.

OLIVEIRA, T. P. A estrutura semântica das orações condicionais no português do Brasil. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), São Paulo, v. 10, p. 85-96, 2008c.

OLIVEIRA, T. P. A relevância do modelo em camadas para o estudo das estratégias comunicativas atualizadas pelas condicionais. *In*: PEZATTI, E. G. (org.). *Pesquisas em Gramática Funcional*. Descrição do Português. São Paulo: Editora da UNESP, 2009a. p. 373-383.

OLIVEIRA, T. P. Da relação de condição no português: formas e sentidos. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 17, p. 101-118, 2009b.

OLIVEIRA, T. P. Condicionais retóricas: um estudo das funções comunicativas das condicionais. *In*: BURGO, V. H.; FERREIRA, E. F.; STORTO, L. J. (org.). *Análise de Textos Falados e Escritos: aplicando teorias*. Curitiba: Editora CVR, 2011. p. 57-70.

OLIVEIRA, T. P. As conjunções condicionais na Gramática Discursivo-Funcional. *In*: SOUZA, E. R. F. (org.). *Funcionalismo Linguístico*. Análise e descrição. v. 2. São Paulo: Contexto, 2012. p. 119-146.

OLIVEIRA, T. P. Conjunções adverbiais no português. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 22, p. 45-66, 2014.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. Uma tipologia da oração condicional segundo a Gramática Discursivo-Funcional. *Estudos Linguísticos* (São Paulo. 1978), v. 40, p. 196-206, 2011a.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. Orações correlativas hipotéticas no português. *Revista da ABRALIN*, v. 10, p. 143-172, 2011b.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. Modelos e Métodos de Análise Funcionalista. In: GONÇALVES, A. V.; GÓIS, M. L. S. (org.). *Ciências da Linguagem: O Fazer Científico*. v. 2. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 389-422.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M. A condicionalidade como zona conceitual. *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, v. 33, p. 291-313, 2017.

OLIVEIRA, T. P.; HIRATA-VALE, F. B. M.; SILVA, C. F. Construções insubordinadas no português do Brasil: completivas e condicionais em análise. *Revista Odisséia*, v. 2, p. 25, 2017.

PINTO, P. M.; OLIVEIRA, T. P. O esquema causal na condicional *se não me engano*. *Raído*, v. 10, n. 24, p. 150-164, 2016.

TOMASELLO, M. The usage-based theory of language acquisition. In: BAVIN, E. *Cambridge Handbooks in Language and Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2009. p. 69-87.

TRAUGOTT, E. C. Conditional markers. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985. p. 289-307.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings. *Language*, v. 65, n. 1, p. 31-55, 1989.

TRAUGOTT, E. C. Subjectification in grammaticalization. In: STEIN, D.; WRIGHT, S. (ed.). *Subjectivity and subjectivization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. p. 31-54.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Construcional Change*. Oxford: Oxford University Press, 2013.



VISCONTI, J. Conditionals and Subjectification: Implications for a Theory of Semantic Change. *In: FISHER, O. et al. (ed.). Up and Down the cline – The nature of Grammaticalization.* Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2004. p. 169-192.

VISCONTI, J. On English and Italian complex conditional connectives: matching features and implicatures in defining semanto-pragmatic equivalence. *Language Sciences*, v. 18, n. 2, p. 549-573, 1996.